

Louco por música

Castro Roupal veste-se engalanada para receber a banda. O repenicar dos sinos da aldeia desce e mistura-se com as vozes do povo.

As janelas estão ornamentadas de flores. As ruas veem-se animadas por um corrupio de gente feliz.

Todos os anos esta aldeia no concelho de Macedo de Cavaleiros faz uma festa de fazer inveja às aldeias vizinhas, porque um mecenas, a viver no Brasil, quer que a sua terra seja a melhor da região na receção às bandas de música. O “brasileiro”, não se poupa a despesas, convidando todos os anos conceituadas filarmónicas do norte. Revelhe de Fafe tinha ali estado no ano de 1976.

Em 1977, não podendo estar fisicamente nesse dia, o mecenas participava na festa de forma insólita e apaixonada. E de que forma? Alguém estava permanentemente junto ao telefone em casa de um seu familiar no largo esperando uma chamada do Brasil e em cada trinta minutos o telefone tocava... assim, a festa entrava nele, como se ele ali estivesse de alma e corpo presente....

Exigência do brasileiro era a de que uma mini banda estivesse sempre por perto do telefone para que assim fossem satisfeitos os seus caprichos musicais. E a seu pedido essa mini banda tocava até que do lado de lá do oceano se ouvisse o desabafo:

- Por agora está bem.

De vez em quando era toda a banda que ia junto do telefone a pedido do “brasileiro” e as suas ordens eram imediatamente cumpridas. Já nos primeiros acordes, o fogueteiro faz subir endiabrados e nervosos foguetes O fogo atoa os ares, a banda toca e o mecenas ao telefone suspira de felicidade.

De novo o telefone.

Ordens de lá:” tratem bem os músicos, como se eu aí estivesse.” Num ápice, meninas voluntariosas com indisfarçáveis minissaias procuram os músicos, distribuindo doces e vinho do Porto que circulam rapidamente, deixando no ar perfumes que não desaparecem, inebriando de prazer os músicos e alguns animais domésticos que por ali andam estonteados e loucos.

No largo, passeiam meninas com sorrisos carregados de simpatia.

Lembro bem esse mês de Agosto do ano de 1977. Nesse dia tinha chegado do hospital de São João – estivera a soro durante a noite para ser operado, muito cedo, a uma apendicite...

Espantado ficou o médico quando, já na sala de operações, eu me recusei a ser operado.

- Não quer ser operado? Certamente deve estar a brincar...

Respondi com branda suavidade mas convicto:

- Saiba doutor que a Banda de Mateus tem hoje um serviço em Castro Roupal, e eu não posso faltar...

A equipa médica encolhe os ombros incrédula de espanto não querendo acreditar no que acabava de ouvir...

Solicito a comparência de António Pereira de Matos, (o presidente da banda) em Vila Real que em pouco tempo chega ao hospital levando-me diretamente para Castro Roupal.

Nunca conseguirei agradecer as diligências feitas pelo então presidente da banda; homem dedicado que durante tantos anos deu à coletividade centenária o melhor de si,

nunca se escusando a todo o tipo de tarefas... ele próprio colaborava com as comissões de festas para que tudo funcionasse bem. Chegou a fazer tarefas de electricista, subindo aos postes para que as lâmpadas iluminassem bem os coretos!... Em loucas e vertiginosas viagens, transportava músicos a qualquer hora do dia e da noite assegurando assim a participação desses elementos que doutra forma não seria possível. O seu carro de alta cilindrada e a sua perícia como condutor ajudavam imenso. Este presidente foi sempre bem apoiado por Aníbal Teixeira, homem afável e conciliador que com a sua pachorrenta calma fazia esmorecer os ânimos mais exaltados de músicos veteranos, animados pelo “*glissando*” fácil do álcool nas gargantas. Estas duas personalidades marcaram um dos períodos mais proeminentes da história da Banda de Mateus...

Quando cheguei a Castro Roupal, senti-me fraco e com tonturas. Os braços e as pernas declinavam facilmente, o corpo doía e a mente vacilava... a custo subi ao coreto para dirigir a banda mas... não estava capaz. Fui substituído pelo meu irmão Carlos que com mestria dirigiu a banda.

Castro Roupal, no tempo, era uma aldeia fantástica feita de pessoas boas, impregnadas de hospitalidade. Alheia ao abandono que provoca a desertificação do interior, a gente que fica na terra, desdobra-se em vontades, multiplica-se em ações solidárias para que as tradições não morram, antes, permaneçam calando o confrangedor quadro da partida. A inevitabilidade do êxodo faz doer a alma dos que ficam. Para estes, Castro Roupal fica sempre a seus pés porque é este o seu mundo, o único que faz sentido. Um pequeno lugar que vale a pena viver e morrer.